

## CLÍNICA TRANSCULTURAL DIZER O INDIZÍVEL

Joyce Kacelnik,<sup>1</sup> São Paulo

joyce.kacelnik@uol.com.br

A cientista Katalin Karikó foi uma das ganhadoras do Prêmio Nobel de Medicina em 2023, reconhecida por seu mérito em desenvolver a vacina contra a covid-19, que ajudou a salvar milhões de pessoas no mundo todo. Karikó, pesquisadora, especialista em Bioquímica, nasceu no interior da Hungria em 1955, filha de pais não acadêmicos, cresceu no comunismo, pleiteou uma bolsa de estudos na Inglaterra, foi recusada e por fim conseguiu trabalhar em centros de pesquisa nos Estados Unidos. Aprendeu inglês aos 19 anos e passou por grandes dificuldades pessoais, familiares, econômicas e profissionais devido a sua origem e à xenofobia (e misoginia) presente nos países mais desenvolvidos. Sofreu grande discriminação junto aos colegas de departamento, mas sabe-se que muitas das grandes descobertas científicas foram realizadas por migrantes que não são do Primeiro Mundo.

John Fosse, escritor norueguês, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura de 2023, segundo os premiadores “por sua capacidade de dizer o indizível”.

É dos dois temas acima que iremos tratar adiante, de como possibilitar a expressão e o acolhimento da dor silenciada pela migração.

Embora o mundo esteja cada vez mais globalizado e homogêneo, os deslocamentos dos indivíduos e o contato com as diferenças vêm sendo um desafio para a tolerância à alteridade. Sabemos que os movimentos de migração vêm-se intensificando em função de desastres naturais, perseguições políticas ou condições econômicas precárias, levando milhares de pessoas a se refugiar em terras distantes dos seus países de origem. Junto com o desespero e o desejo de sobrevivência e melhores condições sociais e econômicas, essas pessoas sofrem com o próprio desterramento, desenraizamento e a busca de identidade diante do novo lar. Presentes estão o sofrimento que resulta do luto pela perda da terra-mãe e a esperança de acolhimento e desenvolvimento diante do desconhecido que se impõe no novo lar. Como escutar e acolher na clínica essa forma de sofrimento contemporâneo?

1 Psicóloga formada pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Faz parte da equipe da Diretoria Científica da SBPSP, da Comissão Virginia Bicudo (SBPSP) e da Clínica Transcultural da SBPSP.

Defrontar-se com a diferença cultural implica questões perturbadoras que podem ser mais ou menos intensas, remetendo o sujeito às próprias experiências primordiais de desamparo, bem como a situações de vulnerabilidade.

Migrantes ou refugiados, ao se estabelecerem no novo lugar, enfrentam a experiência da “xenofobia” (medo, discriminação, preconceito em relação ao estrangeiro), termo que se origina do grego *zenos* (estrangeiro) e que curiosamente se refere não àqueles que vinham de longe, como os bárbaros, mas aos que pertenciam a comunidades vizinhas. Como o *Unheimlich* de Freud, que aponta para a presença simultânea de uma vivência de conhecimento e estranhamento, sendo essas as características do inconsciente – estrangeiro e familiar ao mesmo tempo.

O próprio Freud – e a ainda frágil comunidade psicanalítica (em sua maior parte composta por judeus) devido à situação política na Europa nos anos 30 – tiveram que experienciar tais movimentos de migração. Em meio às vicissitudes da guerra os psicanalistas estabeleceram-se em vários lugares do mundo difundindo a psicanálise e de alguma forma correspondendo ao desejo de Freud de que a psicanálise tivesse ampla representatividade. O que teria sido da psicanálise se não tivesse havido a Segunda Guerra Mundial?

A prática clínica transcultural apresentou-se de modo empírico na medida que Freud recebia pacientes de outras culturas e também porque ele acreditava que a psicanálise deveria ser acessível a todos. Assim, concebeu e implementou clínicas públicas gratuitas de atendimento psicanalítico entre guerras nas cidades europeias derrubando o mito de que a psicanálise seria uma atividade burguesa concebida para ricos e demonstrando seu enorme potencial de proteção e instrumento de saúde pública.

É nesse contexto que a Clínica Transcultural pode ser de valor inestimável. A Clínica Transcultural é um trabalho clínico realizado entre culturas, uma clínica que atravessa culturas. Apesar da terminologia simples, nela o processo de atendimento é intenso e desafiador. É o desafio de dizer o indizível, tanto para aqueles que procuram ajuda como para terapeutas que se dispõem a realizar tais atendimentos.

Desde 2016 a Clínica Transcultural, sob a coordenação da nossa colega Maria Cecília Pereira da Silva, vem atendendo famílias de migrantes e refugiados e é parte do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPSP. Trabalha com o modelo de intervenção grupal e intervenção nas relações iniciais pais-bebê. Tais famílias são encaminhadas por centros de saúde e organizações não governamentais e são atendidas gratuitamente por um grupo de analistas que faz um trabalho clínico de psicanálise expandida. Essas famílias, em sua

maior parte, estão identificadas com a falta: falta da sua terra-mãe, falta de atividades profissionais exercidas anteriormente, falta da língua materna, falta de referências, falta da família de origem, falta de boas condições econômicas... Em muitas situações, a mãe é a única responsável pela família diante das condições em que a migração ocorreu, portanto, também há falta do pai. A elaboração do luto, a possibilidade de estarem a salvo em um novo lar, de terem evitado situações precárias, as estimula e encoraja a ir em busca de cuidados e possibilidades até então inimagináveis. A rede de apoio presente nos atendimentos torna-se um espaço privilegiado de escuta e acolhimento, criando novas referências para o migrante ou refugiado, além das referências originais de seu país de origem.

O setting da clínica transcultural é composto por um terapeuta principal e por um grupo de terapeutas, de origens diferentes, que colaboram com suas percepções e observações individuais, desse modo compondo um “setting mestiçado” (Moro, 2015).<sup>2</sup> A equipe recebe o paciente e sua família, os profissionais que fizeram o encaminhamento (e que também fazem parte da história da família no país) e um tradutor ou um intérprete cultural, para garantir que o paciente possa utilizar sua língua materna, se possível. Se isso for autorizado, os encontros podem ser filmados.

O espaço de acolhimento promovido pela equipe de terapeutas possibilita o trabalho de elaboração de situações traumáticas. As situações traumáticas provocadas pelas guerras, pelos campos de concentração, por ditaduras, por migrações forçadas, quando não processadas, deixam marcas encriptadas, geralmente silenciadas e impossíveis de ser simbolizadas.

Esse modelo de intervenção psicanalítica leva em conta a dimensão clínica, antropológica e também linguística para dar sentido às interações entre os níveis coletivo, intersubjetivo e intrapsíquico. Valoriza e inclui as representações culturais do paciente e sua família. Essa metodologia foi criada por Georges Devereux (1970), fundador da etnopsicanálise, com o uso *obrigatório* da matriz epistemológica da psicanálise e da antropologia (Devereux, 1972).

Ele propõe três princípios básicos: a *universalidade psíquica* em que o funcionamento psíquico é o que define o ser humano, dando “o mesmo status (ético, mas também científico) a todos os seres humanos, às suas produções

2 Marie Rose Moro é psiquiatra infantil, professora de Psiquiatria da Criança e do Adolescente na Universidade de Paris Descartes, Sorbonne-Cité (Paris), e psicanalista filiada à spp (ipa). Criou e é a responsável pelas consultas transculturais destinadas a bebês, crianças, adolescentes e suas famílias, no Hospital Avicenne (Bobigny). Criou e é a responsável pelas consultas transculturais destinadas a bebês, crianças, adolescentes e suas famílias, no Hospital Avicenne (Bobigny) e Cochin (Paris).

culturais e psíquicas, às suas maneiras de viver e pensar, mesmo que elas sejam, às vezes, desconcertantes!” (Devereux, 1970).

O segundo princípio, o *complementarismo* implica a multiplicidade de referências e a ruptura com a posição etnocêntrica, o que contribui para o *descentramento* do analista e possibilita o acolhimento da multiplicidade de repertórios culturais existentes. *Complementarismo* e *descentramento* são os componentes essenciais que instrumentalizam a posição ética do psicanalista nessa clínica plural e transcultural (Moro, 2015).

A equipe, formada por terapeutas de diferentes origens e culturas, a partir de um trabalho interno de continência e reverie, abdica de seus próprios valores culturais e pré-concepções, descentra-se, procurando transformar em sonhos as experiências traumáticas relatadas pela família. Esses sonhos/pensamentos *alfa* são oferecidos ao grupo e transmitidos à família pela terapeuta principal.

Outro aspecto fundamental desse setting está relacionado ao modo pelo qual cada terapeuta se posiciona em relação à alteridade do paciente, os afetos sentidos, as teorias, o seu modo de fazer e pensar culturalmente, a construção de suas conjecturas e intervenções durante o atendimento, elaborados depois da consulta: a *contratransferência cultural* (Moro, 2015, p. 190). Para Devereux, a contratransferência tem duas dimensões, a dimensão afetiva e a dimensão cultural, não podendo existir somente na psicanálise de quatro ou cinco sessões por semana, mas em todas as situações em que há interação entre uma pessoa e outra, em todos os intercâmbios clínicos, mesmo que não sejam em sessões psicanalíticas clássicas.

Mais recentemente, em função do surgimento dos atendimentos online, também tem sido possível reproduzir o modelo da clínica transcultural através de plataformas de comunicação, diminuindo distâncias e ampliando possibilidades de encontros entre analistas e famílias.

Toda migração é um ato de valor da vida do indivíduo e conduz a mudanças em toda a família e história individual. Assim mesmo, mil vezes se escutam histórias de migrações que nos lembram os motivos da viagem, mesmo que escolhida, são ambivalentes no desejo e o medo de deixar aos seus, de sair de seu próprio país, a resolução de conflitos familiares e a culminação de uma trajetória de ruptura ou de aculturação.

O encontro com o outro, estrangeiro, pertencente a outra cultura, é muito mais que um desencontro com o familiar. Podemos viver uma ampliação pelo entrelaçamento de nossa história e cultura com a história e a cultura do outro. Não se trata simplesmente da aptidão para aceitar o outro, mas de

estar em seu lugar, e ser um outro para si próprio. O estranhamento torna possível a paixão que é o itinerário em busca de si mesmo pelos caminhos da alteridade, já que a *nossa escuta está sempre em busca do inconsciente, e o inconsciente vive no estrangeiro, estrangeiro em cada um de nós...*

Ao terminar de escrever este artigo recebi a notícia avassaladora do ataque terrorista a Israel e o anúncio de uma nova guerra, que ainda não sabíamos que proporções iria tomar. Mas já sabíamos da violência, das vivências traumáticas, das famílias que seriam dizimadas. De lá para cá, passaram-se dez meses e ainda não há sinal de um acordo de paz. A guerra da Rússia e Ucrânia também segue em curso. Quem se dispõe a dar o primeiro passo em direção a tolerância ao diferente, a alteridade sem considerá-la uma ameaça? Ainda prevalece a ideia de que só pode haver existência diante da ausência da alteridade. Portanto teremos ainda uma grande demanda de atendimentos àqueles que serão privados de seus lares, de suas línguas maternas, de tolerância às suas identidades e características próprias e nesse sentido certamente refugiados e migrantes poderão se beneficiar do trabalho da Clínica Transcultural através da escuta, do acolhimento e de uma psicanálise ampliada e mais democrática.

### Referências

- Devereux, G. (1970). *Essais d'ethnopsychanalyse générale*. Gallimard.
- Devereux, G. (1972). *Ethnopsychanalyse complémentaire*. Flammarion.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo.
- Kacelnik, J. (1998). *A clínica psicanalítica em língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Membros Filiados ao Instituto Durval Marcondes da SBPSP (2017). Quando a sala de espera do analista é o mundo. Entrevista com Marie Rose Moro. *Ide*, vol. 39.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192.
- Silva, M. C. P. da (2023). Dor, alegria e reconstrução. *Jornal de Psicanálise*.
- Silva, M. C. P. da (2023). Ensaio sobre acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais do Brasil e do mundo. *Ide*, vol. 45.



Da série *Pelo sertão*  
(Lívio Abramo, xilogravura, 1946-1948)